

Psicologia do estilo: nas bordas da atividade

Psychology of style: on the borders of activity

Maria Elizabeth Barros de Barros; Diego Arthur Lima Pinheiro; Jésio Zamboni

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Espírito Santo, Brasil

[Endereço para correspondência](#)

RESUMO

O artigo faz uma discussão acerca dos modos de intervenção nos mundos do trabalho a partir das propostas formuladas pela Clínica da Atividade, tendo como principal interlocutor o psicólogo Yves Clot, que se põe na empreitada de construção de uma psicologia do estilo, em intercessão com o pensamento de Gilles Deleuze configurando-se como uma Filosofia da Diferença. Considera a atividade laboral resultado transitório de uma luta que nunca cessa na ação e da tarefa sempre redefinida no trabalho em situação. Experimenta as implicações de uma clínica aliada aos processos de estilização em jogo na atividade industriosa. Traça, portanto, conexões entre o pensamento de Gilles Deleuze e Yves Clot, através das noções de gênero e estilo. Nesse passeio entre propostas clínicas, afirma a atividade em sua relação com a invenção de modos de viver e expandir a vida.

Palavras-chave: Psicologia do trabalho; Clínica da atividade; Filosofia da diferença; Subjetividade; Estilo; Gêneros da atividade.

ABSTRACT

This article is a discussion about the modes of intervention in the worlds of work from the proposals made by the Clinic of Activity, which has the psychologist Yves Clot as its main interlocutor, who is building a psychology of style, in intercession with the thought of Gilles Deleuze configuring itself as a Philosophy of Difference. It considers labor activity as a transitional result of a conflict that never ends in an action and of the task which is always reset at work in situation. It tries the implications of a clinic allied to the processes of styling involved in the industrious activity. It presents some connections between the ideas of Gilles Deleuze and the concepts of gender and style from Yves Clot. In this transit between clinics proposals, this article assures the activity in its relationship with the invention of modes of living and expanding life.

Keywords: Psychology of work, Clinic of activity; Philosophy of difference; Subjectivity; Style; Activity's genders.

Com o que se preocupa uma Clínica da Atividade? Eis o que nos interpela. Dentre as várias vias que se pode experimentar nesse problema, optamos por tomar uma direção apontada pelo próprio Clot (2006), quando, delineando suas preocupações para uma clínica da atividade, propõe que esta última seja pensada como uma psicologia do estilo. Por essa expressão compreendemos a distância que os trabalhadores podem traçar entre si e seu trabalho, não pela negação, mas pela via de uma autonomia em relação às restrições do ofício para transformá-las em recursos coletivos singulares. É a partir desta provocação feita por Clot (2006) que retomamos a discussão acerca dos modos de intervenção no trabalho para experimentar as implicações de uma clínica aliada aos processos de estilização em jogo. Tal proposição nos impulsiona, igualmente, a produzir intercessões das noções de gênero profissional e estilo em Yves Clot com o pensamento de Gilles Deleuze. Acreditamos que construir intercessões com o pensamento deleuziano pode nos ajudar na tarefa de construção de uma clínica da atividade pela força dos conceitos que Deleuze formula. Aqui nesse texto vamos privilegiar os conceito de estilo e processos de coletivização e singularização que encontramos nos escritos de Clot e Deleuze. Na abordagem de Gilles Deleuze, assim como na de Clot, a problemática do coletivo comparece a fim de propor um conceito que não se reduz ao social ou à coletividade, tampouco a um nível de interações sociais. Coletivo como processo simultâneo que faz emergir o que entendemos como trabalhador e como trabalho, numa relação em fundação constante. O conceito de coletivo surge, então, entendido como plano de co-engendramento e de criação, superando a dicotomia social-individual e uma lógica que toma os seres e as instituições como dados *a priori*, sem levar em conta os processos que os engendram.

Conceber um conceito de coletivo para além dessas dicotomias historicamente constituídas significa dar visibilidade a uma outra lógica - uma lógica atenta ao engendramento, ao processo que antecede, integra e constitui os seres. A Clínica da Atividade tende radicalmente a romper a dicotomia sujeito/sociedade. A partir dos intercessores de Clot (2006), pode-se perceber isso.

INTERCESSÕES

É impossível acompanhar o pensamento de Clot em suas inquietações em relação à atividade sem considerar seus múltiplos intercessores, dentre os quais destacamos Mikhail Bakhtin (1979/1984). Clot (2006) irá cruzar debates nos campos da linguagem, da cognição e do trabalho. Trata-se sempre de um debate intenso, em que se desmancham os limites da fala de cada sujeito: já não se sabe bem quem é o autor de cada proposição, nem cabe saber. O próprio Clot (2006), em seu ofício de psicólogo do trabalho, especificamente no âmbito da Clínica da Atividade, afirma que a autoria é sempre coletiva, dado que a ação do trabalho se realiza no diálogo com os pares, com um patrimônio construído pelos trabalhadores, que cumpre a função de dar suporte a essa ação.

As categorias de gênero profissional e estilo, importantes no trabalho de Clot (2006), são oriundas da obra bakhtiniana. Nesta, tanto a noção de gênero discursivo como a de estilo não se esgotam nem se prendem ao binarismo social/individual. Segundo Brait (2007), a respeito de Bakhtin (1979/1984), "o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados." (p. 83).

HETEROGÊNEROS

Retomando os estudos de Mikhail Bakhtin (1979/1984) acerca da linguagem e as críticas que este empreendeu em relação aos postulados do lingüista suíço Ferdinand de Saussure (1916/1973), assim como o deslocamento feito pelo primeiro no que diz respeito à questão dos gêneros no âmbito da literatura, Yves Clot (2006) renova o problema de uma análise do trabalho. Para o semiólogo russo, segundo nos apresenta Clot (2000; 2006), existiriam, entre os fluxos de fala real em situação e as formas da língua estruturada de Saussure, outras formas estáveis que se diferenciariam destas últimas: os gêneros de discurso. Estes consistiriam em um estoque de enunciações esperadas, protótipos de maneiras de dizer e não dizer em um espaço-tempo sócio-discursivo. "Falamos por meio de variados

gêneros sem desconfiar de sua existência. Moldamos nossa fala segundo formas precisas de gêneros padronizados, estereotipados, por vezes mais flexíveis, mais expressivos ou criativos” (CLOT, 2006, p. 42). Com essa proposição, Bakhtin (1979/1984) critica a lingüística de Saussure (1916/1973). Para este último, a língua e a fala se opõem como o social ao individual. De um lado, situa-se a fala como um campo misto e heterogêneo, terreno da linguagem onde se dão as combinações livres de um locutor, indivíduo em situação e, de outro, a língua prescritiva, código homogêneo e fundamental depurado da linguagem, terreno do social. Como apontamos, Bakhtin (1979/1984) refuta essa dicotomia da linguagem por meio da concepção de gênero discursivo.

As formas sociais dos gêneros fixam de modo transitório, em um meio determinado, o regime social de funcionamento da língua de modo a organizar a fala, evitando usos impróprios dos enunciados em uma situação corrente. Trata-se aqui de regimes, de modos, sempre provisórios e de infinitas possibilidades, campo aberto para a criação, e não das invariantes de uma língua perseguidas por Saussure (1916/1973). Os gêneros do discurso, portanto, cumprem a função de estabelecer formas de se dizer e não-dizer, em que tons falar, agir, sabendo quando se pode começar e terminar. O gênero estabelece relações entre a língua e o extra-lingüístico.

Atravessado pelas formulações de Bakhtin (1979/1984), Clot (2006) estende o campo problemático do lingüista ao âmbito da psicologia do trabalho. Para Clot (2006), “a atividade de linguagem é uma modalidade de atividade humana que pode servir de analisador [denominador comum] para as outras modalidades de atividade, aí incluído o trabalho” (p. 43). O próprio Bakhtin (1979/1984), segundo Brait (2007), ao definir os gêneros discursivos, destaca que “eles transitam por todas as atividades humanas e devem ser pensados, culturalmente, a partir de temas, formas de composição e estilo” (p. 88). Clot (2006), então, faz aliança com Bakhtin (1979/1984) para propor um modo de análise da atividade profissional que entra em ruptura com o modo vigente nas ciências do trabalho, habitado por uma oposição de mesma ordem saussuriana entre o prescrito e o real do trabalho. É através desse entrecruzamento que Clot (2006) nos propõe uma abordagem do trabalho partindo do ponto de vista dos gêneros da atividade.

Aqui poderíamos fazer um primeiro movimento na direção de produzir intercessões com a obra deleuziana: De que modo entrelaçar os apontamentos de Clot e Deleuze sobre gênero profissional e estilo numa direção ética-estética-política indicada por Deleuze? Ao tatear uma aproximação, não estamos nos esquecendo das divergências filosóficas desses autores, mas reafirmamos que tais intercessões podem ser importantes ingredientes nessa tarefa de desenvolver uma clínica da atividade. Vejamos.

Segundo Clot (2000; 2006), a atividade situada sempre convoca uma série de gêneros a fim de que estes sirvam como suportes para a ação. Em outras palavras, toda ação se encontra apoiada em dimensões genéricas, isto é, em culturas profissionais coletivas tornadas em recursos durante a ação para a ação. Esta dimensão genérica consiste em uma memória impessoal e objetiva que formaliza a atividade em situação de um determinado modo, demarcando maneiras de começá-la, de conduzi-la eficazmente a seus objetivos em meio às atividades dos outros e de terminá-la. Trata-se de um componente impessoal da atividade que assegura a acomodação “imediata” dos sujeitos em um coletivo de trabalho, ao conformar uma zona comum de saberes-fazeres compartilhados somente por aqueles que fazem parte de um mesmo horizonte profissional e social – é este componente genérico que, por exemplo, possibilita o trabalho conjunto de pessoas que nunca trabalharam juntas antes.

Pode-se dizer, ainda, que um gênero profissional é como um referencial pelo qual designamos não apenas a cooperação em ato, mas também os modos da cooperação que ordenam previamente uma ação conjunta entre os diferentes elementos nela engajados. Uma espécie de interposto que reúne sutilmente “regras” formais e informais da/para ação comum. De fato, o gênero pode definir-se como o conjunto das atividades mobilizadas por uma situação, convocada por ela. Ele é uma sedimentação e um prolongamento das atividades conjuntas anteriores, incluindo o que foi feito, o que não foi feito, o que foi pensado, sentido, produzido, os impasses que surgiram. Constitui-se um precedente para a atividade em curso: aquilo que foi feito outrora pelas gerações de um meio dado, as maneiras pelas quais as escolhas foram decididas até então nesse meio, as verificações às quais ele procedeu, os costumes que esse conjunto enfeixa (CLOT, 2006).

Essa sedimentação da experiência coletiva não deve ser tomada como uma rígida regulação funcional do trabalho, referindo-se aos procedimentos normativos à maneira de instruções ou ordens. Um gênero não é feito para ser seguido à risca como um regimento, como uma lei, mas para conferir elementos para ação, tom e cadências possíveis. Diríamos assim, para retomar o embaralhamento língua/trabalho feito por Clot (2000; 2006), que um gênero profissional conforma um campo lingüístico que nada tem a ver com a redução do vivido a um corpus lingüístico-gramatical, nem com uma estruturação do plano da experiência sob a tutela da linguagem. Mas, ao contrário, diz respeito a uma incessante invenção coletiva de um plano de referência, ou melhor, uma disposição de elementos diversos capazes de

produzirem sentido, um dispositivo aberto de regras impessoais feito para fazer agir, colocando em funcionamento modos de trabalhar e ser trabalhador. Tal produção é elaborada em comum no âmbito de um coletivo, sendo, portanto, um meio de constituir o coletivo profissional como fonte imprescindível de sua renovação e movimento.

Os gêneros profissionais se definem como experiência coletiva, impessoal, processual, cognitiva, mas também emocional e corporal. Os gêneros se constituem de uma parte explícita e uma parte subentendida, são caracterizados por uma multiplicidade de elementos, dentre estes a linguagem, que configura essa parte explícita. No âmbito do gênero, entretanto, o que nos parece predominar é essa dimensão implícita, uma vez que se caracteriza pela produção avaliadora/ética, no sentido de um processo de incorporação de valores e de transformação desses valores no próprio corpo. Trata-se de ética quando se discute a atividade, uma vez que trata da própria potência do corpo (ESPINOSA, 1664/1983). Clot (2006) demarca esta como uma apropriação das emoções em que o trabalhador não se deixa levar simplesmente, mas extrai delas os recursos para agir: "as emoções se convertem num instrumento de ação eficaz" (p. 33). O modo como se instrumentaliza a emoção é da ordem da ética, que se opõe a moralidade, concebida em termos de valores transcendentais, ou seja, que já não permitem à vida sua afirmação e expansão, mas a diminuem e julgam em relação a esses valores vindos de fora. Sem essa incorporação, o gênero não se torna possível. É uma dimensão anônima e impessoal da experiência que tende a escapar às organizações hegemônicas de qualquer prescrição fechada e às significações que demarcam um sujeito.

Trata-se, aqui, de uma experiência que se compartilha para além dos registros significantes da língua materna, estabelecidos na gramática de um modo fixo, imutável, conhecido por todos. Se, nos gêneros, as avaliações comuns, primordialmente sociais, são subentendidas em seu princípio, estando na carne dos profissionais, pré-organizando suas operações, e soldadas às coisas e aos fenômenos correspondentes, de forma a não requerer formulações verbais, onde se encontra a palavra e o discurso numa clínica da atividade? A análise da atividade caminha então para uma consideração da dimensão lingüística como palavra de ordem.

Deleuze, com Guattari, (1980/1995a) propõe como unidade básica da linguagem o enunciado tomado como palavra de ordem. Esta não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. A linguagem não é feita para informar nem para comunicar, não é isso que constitui seu fundamento, "a informação é apenas o mínimo estritamente necessário para a emissão, transmissão e observação das ordens consideradas como comandos" (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995a, p. 8). A linguagem não é nem mesmo tomada como instrumento ou elemento da vida. Sua função primordial é dar ordens à vida, ordená-la. "Quando a professora explica uma operação às crianças, ou quando ela lhes ensina a sintaxe, ela não lhes dá, propriamente falando, informações, comunica-lhes comandos, transmite-lhes palavras de ordem, ela faz com que produzam enunciados corretos, idéias 'justas', necessariamente conformes às significações dominantes" (DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 33).

Chamamos palavras de ordem não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma 'obrigação social'. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, direta ou indiretamente. Uma pergunta, uma promessa, são palavras de ordem. A linguagem só pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento. A relação entre o enunciado e o ato é interior, imanente, mas não existe identidade. A relação é, antes, de redundância (DELEUZE; GUATTARI, 1980/1995a, p. 12).

É a essa "obrigação social" que se refere Clot (2006) quando segue definindo que o gênero trata de pré-ordenar a ação, criando regras entre os sujeitos na atividade. A redundância, então, remeteria à articulação entre a dimensão genérica da atividade e as regras prescritas do trabalho. Cabe, contudo, considerar essa questão no próprio âmbito do gênero, ou corremos o risco de articular o prescrito como inimigo, como fechado e homogêneo. As palavras de ordem se compõem em regimes de signos, modos de expressão dos afetos que se produzem nos encontros dos corpos. Sem a expressão também não há circulação dos afetos. As regras de ação presentes na linguagem, sejam consideradas no âmbito interno ao gênero ou no seu fora que é a organização do trabalho, são fundamentais à atividade. São esses regimes de signos que compõem de maneiras diversas o corpo expressivo do gênero e o corpo expressivo da organização do trabalho. É o que permite a troca de fluxos e movimentos entre um corpo e outro. São essas marcas expressivas que permitem trocas e mudanças num regime e num outro. Regimes de signos sempre são também heterogêneos e processuais, se produzem no encontro com outros regimes de velocidades e lentidões diversas.

Retomando a questão da língua, é importante considerar também que se trata de uma conformação lingüística que não tem a função cristalizante de organizar definitivamente as variações inerentes aos

processos de trabalho. O que ocorre é a produção de um desdobramento da língua em múltiplas direções, a língua em composição com variadas outras matérias de expressão, na medida em que estas sempre se encontram em movimento de efetuação/produção em meio às tensões e conflitos que habitam o trabalho vivo. Trata-se, portanto, nesse momento, de descolar a noção de língua entendida como veículo de mensagens, para pensá-la como uma marca expressiva provisória que favorece a passagem dos embates que se produzem no decurso da atividade de trabalho. É a consideração das entrelinhas na efetuação dos discursos.

A língua agora, então, pode ser tomada como instrumento para a ação coletiva de produção de si e do mundo: ferramenta de trabalho, se considerarmos que tudo pode participar em uma composição de linguagem, ampliando este conceito, já que uma língua trabalha matérias de qualquer procedência – sociais, materiais, tecnológicas, técnicas, etc. – na criação de sentidos, isto é, na permanente constituição de mundos e sujeitos. Uma memória coletiva e impessoal que, assim, nunca se pode dar por acabada. É processual. Memória-movimento em atualização no curso da atividade.

Traçam-se, então, intercessões entre os apontamentos de Clot (2000; 2006) e as afirmações de Deleuze e Guattari (1980/1995a; DELEUZE, 2005) acerca da dupla natureza da linguagem. Ao que nos parece, o gênero profissional comporta uma natureza híbrida formada por pólos de realidades díspares, mas coexistentes e inseparáveis, embaralhadas uma com a outra, uma na outra. De um lado, uma face linguística/formalizável, mais afeita à regularidade, cujo sentido é facilmente apreendido. É nesse plano que se dão os processos de sedimentação da experiência coletiva em unidades referenciais, plano onde é possível traçar os limites de um gênero profissional. Trata-se das marcas constitutivas dos domínios e significâncias de um gênero, de seus aceitáveis e inaceitáveis e, por outro lado, da face não-linguística/a-forme que se furta a toda formalização e significação hegemônicas. Aqui não há unidades, mas apenas intensidades, matérias não formadas, variações resistentes a unificações lingüísticas, desvios imprevisíveis e incontroláveis. Em contato com esse outro domínio, o gênero se efetua como enigma na medida em que a ordem esperada é rompida; o não-sentido que advém desta ruptura força o movimento sem trégua de produção de novas sedimentações, isto é, novos modos de pensar/agir o/no trabalho.

Esse plano de pura intensidade, substrato do gênero profissional, remove o caráter aparentemente estável das organizações, ampliando suas possibilidades de mobilidade, utilizando esse movimento para modificá-las. Daí decorre que os contornos traçados pelos sentidos produzidos em meio às tensões da atividade jamais são absolutos. A face não-linguística que habita o gênero, produzindo o estranho fenômeno dos dois trabalhadores que nunca se conheceram pessoalmente mas podem trabalhar juntos, tendo por substrato o gênero, " serve ao embaçamento dos contornos para incluir inexoravelmente o a-forme nas formas estabelecidas, de modo que, no limite de toda forma, deparamo-nos com a zona de indistinção que lhe é própria" (TEDESCO, 2005, p. 145). Ao afirmar a existência desses dois registros constitutivos da linguagem, Deleuze e Guattari (1980/1995a; DELEUZE, 2005) chamam a atenção para uma zona de indiscernibilidade entre essas duas dimensões, ponto de mesclagem na indistinção de seus limites, donde sublinhamos a potência inesgotável de novos arranjos de um gênero profissional ao manter-se aberto ao plano intensivo.

É por essa dupla característica, a de ser, a um só tempo, invento e invenção, memória e atividade, esperado e inesperado, que um gênero de situação se mantém vivo (CLOT, 2006). Dessa maneira, pode-se dizer que um gênero profissional encontra-se sempre em vários ritmos. Ao definirmos um gênero profissional como um sistema variante, e não como uma norma transcendente à experiência laboral, destaca-se a importância de considerar a participação ativa de estratégias coletivas sinalizadoras da vitalidade do gênero profissional. A reinvenção do gênero depende de uma multiplicidade em variação contínua que, a todo tempo, se inscreve no curso das atividades e, " não pode ter outra fonte senão a mobilização do próprio coletivo de trabalho, que redefine assim a tarefa, tornando-a sua" (CLOT, 2006, p. 38-39). Eis aí, então, o que se poderia chamar de um gênero profissional forte.

Quando a atividade se encontra referida a um gênero profissional constantemente arejado pelo choque entre as variações que nele se inscrevem, o poder de ação do coletivo de trabalhadores é expandido já que o gênero assim fortalecido permite o uso da experiência como meio de sua re-invenção. Sempre que o gênero se acha maltratado ou negligenciado, o poder de ação/criação dos trabalhadores é reduzido. Ao definir as fronteiras móveis do aceitável e inaceitável no trabalho, ao pré-organizar as ações (CLOT, 2006; CLOT; FAÏTA, 2000), o gênero convoca a um refazimento das "regras", exige estilizações, isto é, estratégias ativas para agir sobre o gênero.

ESTILIZAÇÕES EM JOGO

Essa borda-limite do gênero profissional nós a encontramos na composição de um estilo laboral. O estilo pode ser encarado também como o outro pólo do gênero: pólo estilístico da atividade. O gênero saudável, rico, desaparece em uma névoa virtual, não deixando de existir, ou perdendo sua força de realidade, mas, pelo contrário, por estar em elevada potência de produção de realidade, abarca a emergência de modos singulares se atualizando no fazer coletivo. A avaliação do trabalho não é mais considerada numa ordem moral, atribuída à dimensão da organização do trabalho dominada por um *tópos* hierárquico, mas tomada como fundamento da constituição de um coletivo de trabalho.

Aqui a contribuição de Deleuze se torna fundamental. Perguntamo-nos de que trata este novo objeto possível de uma empiria na psicologia do trabalho: a atividade. Deleuze (1962/1987), em seu encontro marcante com a obra de Nietzsche, define assim o princípio da filosofia da natureza nietzscheana:

Todo objeto já é a expressão de uma força; na relação de um objeto com uma força, são forças que se relacionam. Há relações de afinidade do objeto com a força que dele se apodera. O ser da força é o plural: seria absurdo pensar a força no singular. Uma força é dominação, mas é também o objeto sobre o qual essa dominação se exerce. Uma pluralidade de forças interagindo, sendo a DISTÂNCIA [grifo do autor] o elemento diferencial compreendido em cada força e pela qual cada uma se refere a outras: é esse o princípio da filosofia da natureza em Nietzsche (DELEUZE, 1962/1987, p. 12).

O próprio Clot (2006), em consonância com Amalberti e Hoc (1998, *apud* CLOT, 2006), afirma que a atividade corresponde à tarefa efetiva elaborada pelo sujeito a partir da tarefa prescrita, a qual se efetiva pela intenção atual do operador protegida de outras intenções concorrentes. Formula que as intenções são sempre resultados transitórios de uma luta que nunca cessa na ação e que a tarefa é sempre redefinida na situação. Por isso, Clot (2006) entende que "a intenção é apenas protegida de maneira muito parcial, nesse âmbito de intenções rivais" (p. 29). É assim que entendemos, a partir de Deleuze (1962/1987), que há todo um jogo de forças que se atualiza na atividade e não cessa na ação. É no processo de atualização de elementos virtuais do gênero que se produz a atividade. A oposição que vale, então, não é a de uma atividade real – de fato, comprovável empiricamente – em relação a uma atividade fictícia. Toda a atividade é real, sendo constituída de elementos que estão em condições momentâneas de objeto, ou seja, atualizadas, e elementos virtuais que compõem uma névoa de afetos imperceptíveis ainda em fato concreto, mas de presença tão real quanto aqueles.

O plano de imanência compreende, a um só tempo, o virtual e sua atualização, sem que possa haver limite assinalável entre os dois. O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta só tem por sujeito o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, enquanto o próprio atual é a individualidade constituída. (DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 174-175).

Isso conflui com o pensamento de Yves Clot (2006), que nos propõe que o gênero profissional somente abre-se à re-avaliações quando as regras não escritas aparecem. E estas somente ganham visibilidade na medida em que o gênero é, de alguma forma, perturbado. "O estilo participa da renovação do gênero, o qual, no limite, nunca se pode dar por acabado. Ele vive mais ou menos intensamente de resto, das contribuições estilísticas que o reavaliam constantemente e lhe dão sua dinâmica. A plasticidade dos gêneros depende dos estilos" (CLOT, 2006, p. 40). Compreende-se, assim, que não se trata de relação de oposição entre gênero e estilo. Isto o próprio Clot (2006) o destaca: "O estilo retira ou liberta o profissional do gênero não negando este último, não contra ele, mas graças a ele, usando seus recursos, suas variantes, em outros termos, por meio de seu desenvolvimento, impelindo-o a renovar-se" (p. 41). Trata-se de uma simbiose entre processos heterogêneos e não um parasitismo. A vitalidade do gênero é avaliada pela multiplicidade dos processos de estilização em sua potência de sempre renovar o gênero; e a potência dos estilos pode ser avaliada pela plasticidade e heterogeneidade dos gêneros profissionais em questão.

O estilo impulsiona o gênero em suas limitações, brincando com ele. Nesse limite de desconstrução do gênero, o que aparece aqui como signo de humor, da avaliação afetiva, não é o sinistro paralisante e caótico, mas a alegria do jogo, de poder inventar, trabalhar com restos, com as fragmentações internas ao gênero sobre a heterogeneidade que marca a emergência dos variantes. Desta maneira, é também o movimento próprio de criação que se está abordando. A criação é sempre coletiva. Isso se observa quando se tem em conta que é "o controle do gênero que permite dele libertar-se, supondo a criação estilística o conhecimento do gênero 'em todos os seus aspectos'" (CLOT, 2006, p. 41).

Alimentado pelos estilos singulares de trabalho, é a máquina do gênero que permite uma avaliação imanente entre os pares e uma conjugação em defesa do coletivo. Os trabalhadores do mesmo gênero impõem diante da avaliação extrínseca, advinda da organização científica do trabalho, sua própria

avaliação. Nos casos de erros, por exemplo, os profissionais se integram rapidamente em função de alguma ameaça de fora, em defesa de todos. As ameaças incidem sempre sobre indivíduos e categorias, totalizando-os e separando-os como entidades diferentes, provocando o enfraquecimento do gênero quando este não se organiza em função da ameaça coletiva que ganha expressão em embate com o corpo profissional. O gênero permite não sucumbir diante desse binarismo, caindo nas tramas da competitividade profissional ou de um abuso de atitude individualista entre os trabalhadores, por exemplo.

Ao reconsiderar a questão da linguagem na dimensão estilística da atividade, a língua já não é um código depurado e a fala não se subsume ao ato combinatório individual, já que não se pode empregar um enunciado sem que este faça referência a outro enunciado do mesmo tipo. As palavras de ordem só fazem referência a outras palavras de ordem, ou seja, redundam. Um gênero está sempre atrelado a uma situação em curso e a um contexto histórico-social, conferindo ao falante um tom discursivo, isto é, formas de enunciados tão indispensáveis à compreensão quanto às formas da língua.

Nesse panorama, o estilo trata de configurações das entrelinhas, dos silêncios, dos ritmos que permeiam a linguagem que ordena a vida. É o silêncio ensurdecedor da crise, diferente do silêncio da dimensão genérica da atividade, marcado por fluxo intermitente. O estilo é corte em relação ao gênero. Ele faz emergir a dimensão dos afetos, que se dão no corpo, à atividade na renovação do gênero através do debate.

Os gestos, os tons e ritmos da ação nos dizem muito acerca do trabalho. Clot (2006) destaca, que “ nossos afetos nos mostram claramente que não formamos senão um único ser com nosso corpo. São precisamente as paixões que constituem o fenômeno fundamental da natureza humana” (CLOT, 2006, p. 33). Aqui nos deparamos com uma ruptura com o pensamento dicotômico, que separa alma e corpo, razão e paixão de forma a propor o domínio da mente sobre o corpo e suas possibilidades. Deleuze (1970/2002), com Espinosa (1664/1983), engaja o combate a um certo racionalismo por meio da ética que assume a fundamental constituição dos corpos através dos afetos, entendendo a abstração funcionando em paralelo com os afetos do corpo, e não este podendo submeter-se à razão por completo.

Ao tratar do estilo, sobretudo, nos vemos impelidos a um salto, que leva a clínica da atividade aos extremos a que a concepção de subjetividades em produção, trazida por Deleuze, conduz. Este também trabalha o conceito de estilo e, ao abordar essa noção, conjuga-a a noção de devir, escapando ao domínio de uma história linear, ao mesmo tempo em que retoma suas forças emudecidas.

Opor o devir à história é desmontar uma pretensa factualidade que nos prende à cronologia, a uma linha reta de fatos sucessivos que só aparecem por terem significação nas tramas hegemônicas de linguagem. A história factual nos remete sempre a um passado em vista de um futuro, e o presente permanece como ponto inexplicável, não podendo ser abordado. O devir opera na compossibilidade dos tempos: a vida não é traçada em linha reta, mas flui como rede, produzindo nós os mais diversos, em que todos os movimentos se fazem presentes de forma virtual, podendo atualizar-se ou não, dependendo da configuração que a rede assume em cada momento. É assim que compreendemos o perigo que ronda sempre os arranjos do gênero cada vez que a atividade acontece em uma determinada situação, perigos de endurecimento e abandono.

Os devires que perpassam não são imitação, plágio, cópia de um modelo transcendente, perfeito, generalizável. Os devires formam blocos em que linhas de diferentes movimentos se conjugam sem, no entanto, consonarem ou mesmo trocarem ou se misturarem entre si. Trata-se de algo que se dá sempre ainda fora dessas linhas, mas somente possível a partir dos seus encontros. Ocorre uma evolução a-paralela, uma bifurcação, produção de diferença. Instaura-se uma zona de vizinhanças, em que não há fórmula, apenas incessante trabalho de estrategista agenciando trabalhos menores, sempre inacabados, no campo da atividade.

É preciso considerar que os gêneros são composições híbridas, realmente abertas a outros elementos. Não é possível pensar um gênero profissional fora das relações com outros âmbitos da vida, ou mesmo furtado aos diversos movimentos que atravessam a vida e a história em todas as suas configurações. Um gênero tem que ser pensado no seu fora, com a potência do viver. Há sempre uma série de gêneros em jogo, em relação (CLOT, 2006). “Os devires são o mais imperceptível, são atos que só podem estar contidos em uma vida e expressos em um estilo. Os estilos, e tampouco os modos de vida, não são construções. No estilo não são as palavras que contam nem as frases, nem os ritmos e as figuras. Na vida não são as histórias, nem os princípios ou as conseqüências.” (DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 11).

O estilo, então, como expressão dos devires, meio de passagem da vida, configurando-se como silêncio ensurdecedor diante das grandes significações que permeiam os acordos prescritos. Não é assim que os

gêneros se organizam? Em silêncio, sem enunciações específicas, só aparecendo em meio à crise, em embate? É assim que entendemos um gênero fundamentalmente silencioso. Uma vida se dá nas entrelinhas. Os estilos são agenciamentos coletivos de enunciação, conexões entre elementos distintos em função da expressão dos afetos produzidos nos encontros. O estilo sempre se direciona a um fora, não conserva nenhum sentido em si mesmo. "O estilo dá à escritura um fim exterior que transborda o escrito. E é a mesma coisa: a escritura não tem um fim em si mesma, precisamente porque a vida não é algo pessoal. A escritura tem por único fim a vida, através das combinações que ela faz." (DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 14).

Retomando o debate no campo da linguagem, com o qual iniciamos essa conversa, é por essa via que Deleuze (2005) irá romper completamente com Saussure (1916/1973), estabelecendo a total incongruência entre a linguística e a literatura. Ele opera/efetua o rompimento que Bakhtin (1979/1984) havia traçado/indicado. Denuncia a presunção do binarismo língua/fala em Saussure. Este, segundo Deleuze (2005), trabalha com a língua, aquela que se escreve, objeto da lingüística, como um sistema equilibrado, relegando a heterogeneidade à fala como um ruído, um barulho incômodo que devemos deixar de lado pois atrapalha o pensamento. Ora, para Deleuze (1962/1987) o pensamento é justamente o que se dá na crise; somente pensamos quando algo nos tira do lugar e incomoda. E é a partir do processo de escrita que Deleuze (2008) afirmará "que não há diferença de nível entre língua e fala, mas a língua é feita de todo tipo de correntes heterogêneas em desequilíbrio umas com as outras. Quando se escreve, sabe-se que uma língua é, na verdade, um sistema que está longe do equilíbrio, é um sistema em perpétuo desequilíbrio" (p. 83). Decide afinal que para saber o que é estilo não é preciso saber nada de lingüística.

É no ato de escritura, na feitura do estilista, que Deleuze (2008) pode sair da dicotomia individual/social que impregna a lingüística saussuriana e as ciências do homem modernas. E ao se perguntar o que é o estilo, responde ainda:

Um estilo é composto de duas coisas: a língua que falamos e escrevemos passa por um tratamento que é um tratamento artificial, voluntário. É um tratamento que mobiliza tudo: a vontade do autor, assim como seus desejos, suas necessidades, etc. A língua sofre um tratamento sintático original. [...] é por isso que um grande estilista não é um conservador da sintaxe. É um criador de sintaxe. Um estilista é alguém que cria em seu idioma uma língua estrangeira (DELEUZE, 2008, p. 83).

Deleuze borra os limites entre a língua e a fala, assim como podemos com ele borrar os limites da atividade em relação ao prescrito. Já havíamos enunciado que o próprio Clot (2006) segue um caminho de imbricar e desmanchar as fronteiras entre o estilo e o gênero, quando os tomamos ambos como atividade coletiva. Agora, fica claro que sob o prescrito também murmuram heterogeneidades e movimentos de ruptura sempre insinuando mudanças. Toda a vida é permeada por devires. E Deleuze (2008) descreve esse movimento de crítica e criação no interior da língua:

Ao mesmo tempo que, sob o primeiro aspecto, a sintaxe por um tratamento deformador, contorcionista, mas necessário, que faz com que a língua na qual se escreve se torne uma língua estrangeira, sob o segundo aspecto, faz-se com que se leve toda a linguagem até um tipo de limite. É o limite que a separa da música. Produz-se uma espécie de música. Quando se conseguem essas duas coisas e se há necessidade para tal, é um estilo (DELEUZE, 2008, p. 83).

É esse o critério avaliador que podemos adotar em nossas análises da atividade que empreendemos ou a que somos convocados a acompanhar: que ritmos, timbres, sons, movimentos de afeto se produzem no coletivo de trabalho, em paradoxal silêncio? Que potência encerram e que passagens criam para a vida ali presente? A vida no trabalho é avaliada pelos ritmos silentes em que se produz, pela impessoalidade que comporta.

Desse modo, a vida é intimamente conectada ao trabalho nesses ritmos que se interpenetram. O trabalho é espaço de invenção da vida, um dos seus múltiplos espaços nos diversos movimentos de atividade que se põe a funcionar. Dizemos, portanto, que a atividade não tem fim em si mesma, sua finalidade é a própria vida, o cuidado dessa vida e a permanente criação de si.

Clot (2006) nos traz isso ao afirmar que o objeto de uma ação se desenvolve na interpenetração de contextos de atividade e ainda que "para explicar a situação devemos recorrer à heterogeneidade dos mundos sociais, aos conflitos de normas, à pluripertinência dos sujeitos a fim de poder situar-nos nas fontes da ação" (p. 33). Seguimos ainda mais distante com Deleuze (2005): a subjetividade é produto da atividade, ao mesmo tempo em que condiciona sua produção; ou seja, a subjetividade é sempre coletiva. E Clot (2006) tende a todo o momento a essa consideração: o que impregna a atividade é o coletivo, campo de singularização. Singulares são os acontecimentos, a vida, e não indivíduos, grupos ou sociedades estabelecidos; estes são produção de massa, construções.

Deleuze (2005) afirma ainda que o estilo é justamente a propriedade daqueles dosquais habitualmente se diz "eles não têm estilo...". Não é assim que a organização científica do trabalho e a filosofia em sua história hegemônica sempre pensaram a arte dos ofícios, o mundo do trabalho? Clot (2006; CLOT, FAÏTA, 2000) percebe esse bloqueio mesmo no campo da ergonomia, ainda considerando os ofícios apenas como função, não assumindo a radicalidade da proposição de que o trabalho é toda a invenção de si e do mundo. O estilo "não é uma estrutura significativa, nem uma organização refletida, nem uma inspiração espontânea, nem uma orquestração, nem uma musiquinha." (DELEUZE; PARNET, 1977/1998, p. 12). Estilo é expressão que perpassa palavras e ações, produzindo gagueira na própria língua.

É por intermédio dessa espécie de gagueira que os trabalhadores se libertam dos recortes de ação delimitados pelo gênero profissional, não o negando, mas utilizando as variâncias que o percorrem como recurso, desenvolvendo-o. Uma ampliação do poder de agir que implica a invenção de novos modos de trabalhar e ser trabalhador – novos modos de trabalhar/subjectivar – capazes de produzir estratégias de enfrentamento das formas de funcionamento que tentam impedir os movimentos que nos arrastam para além da organização do trabalho. Uma clínica do estilo, como defendemos, busca fazer alianças com essa capacidade que os trabalhadores possuem de singularizar – criar e recriar – as relações com os mundos de trabalho e o próprio trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Esthétique de la création verbale**. Paris: Gallimard, 1979/1984.
- BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CLOT, Y. & FAÏTA, D. Genres et styles en analyse du travail. Concepts et méthodes. **Travailler**: Revue Internationale de Psychopathologie et de Psychodynamique du Travail. Paris: 2000, nº 4, p. 7-42.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1980/1995, v. II.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. (1977/1998). **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1977/1998.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Porto, Portugal: Rés, 1962/1987.
- _____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 1970/2002.
- _____. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/95557345/f371f51/O_ABECEDRIO_DE_GILLES_DELEUZE.html>. Acesso em: 12 maio 2008.
- ESPINOSA, B. Pensamentos metafísicos: tratado de correção do intelecto; ética, tratado político, correspondência. **Coleção Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1664/1983. 394 p., vol. único.
- TEDESCO, S. Literatura e clínica: ato de criação e subjetividade. TEDESCO, S., MACIEL JÚNIOR, A. & KUPERMAN, D.(Orgs) **Polifonias: clínica, política e criação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, p. 141-152.

[Endereço para correspondência](#)

Maria Elizabeth Barros de Barros
E-mail: betebarros@uol.com.br

Diego Arthur Lima Pinheiro
E-mail: sninkes@hotmail.com

Jésio Zamboni

E-mail: jesiozamboni@gmail.com

Submetido em: 12/03/2009

Revisto em: 12/03/2010

Aceito em: 13/03/2010